



Douglas Dickel

# NYC GHOSTS & FLOWERS

Inspirado pelo álbum homônimo de **SONIC YOUTH**



Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da **MOJO Books**, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

**Danilo Corci**  
organizador

**mojo**  
BOOKS

---

# NYC GHOSTS & FLOWERS

DOUGLAS DICKEL

uma história inspirada por  
NYC GHOSTS & FLOWERS

SONIC YOUTH

---

SÃO PAULO, DEZEMBRO DE 2009

1ª Edição

COPYRIGHT © 2009 BY DOUGLAS DICKEL  
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS



PUBLICADO NO BRASIL POR MOJO BOOKS, SÃO PAULO/SP – WWW.MOJOBOKS.COM.BR

---

# NYC GHOSTS & FLOWERS

## DOUGLAS DICKEL

EDIÇÃO: **DANILO CORCI**

DESIGN: **DELFIN**

REVISÃO: **MOJO FACTORY**

CAPA: **MOJO FACTORY**

---



# **NYC GHOSTS & FLOWERS**

**DOUGLAS DICKEL**

Eu não sei há quanto estou mergulhado aqui, mas eu sei é que gosto de ficar assim com os olhos chaveados e a audição vedada. Só ouço alguns movimentos musicais próprios do líquido em ondas, sons quentes e confortáveis. Sou um feto. Começo a não resistir sem o ar, então decido boiar, de costas: mantenho os ouvidos ainda dentro do caldo, mas passo a ter periscópios a meu serviço. A membrana elástica da superfície ao meu redor reflete estrias de astro solar, coisa que percebo perifericamente, pois, em frente ao meu rosto, há uma luz que me quer cegar. Também percebo dançando suave uma caixa de ovos de isopor como barco para uma tripulação playmobil feminina, vestidos branquinhos. Ouço voz, e minha curiosidade impulsiona as pernas para baixo, a fim de me verticalizar e ver o que se passa à beirada da piscina. Olhando em ângulo reto, vejo pernas correndo em torno do retângulo que faz fronteira entre pedra e água. (Quando cada membro colide com o chão, produz o som mudo da água morna que segura meus ouvidos, servindo de cama para a repetição minimalista dos pulmões que retornam.). Um espetáculo de variedade sutil de semitons de cor da pele se apresenta ao meu olho, texturas devidamente nutridas pelo dia que vem de cima. No ímpeto avaliador natural, logo vou elegendo aqueles pés que mais causam atração na mente das minhas mãos. Neste momento, inclino minha cabeça alguns graus acima com o objetivo de identificar as continuidades daqueles dedos, peitos e plantas, calcanhares e tornozelos e canelas que me

entretinham, mas não o posso.

Primeiro porque minha atenção se desvia, por um momento, para o fato de eu me dar conta de que estou sentado dentro de um café abaixo do nível da rua, sentado e olhando através do vidro, sem saber se eu sempre estivera ali ou se, de súbito e absurdamente, eu passara a estar ali. Segundo porque tudo o que se vê acima das pernas em balé são lençóis brancos. Entende? O calor diminuído com as sombras das árvores e das edificações e com o entardecer é agora compensado com as lâmpadas não desligadas dos postes do largo, de modo que, a julgar pela temperatura, eu juraria não ter estado em dois lugares diferentes nos minutos recentes. Permanece na atmosfera o cheiro agradável de amaciante de roupas, e a mesma trilha sonora que antes era minha própria respiração. Ondas de água agora são nítidas, ondas de ar da expiração de outrem. Isso gela de forma ritmada meu ouvido direito, parecendo uma fala racionalmente intraduzível, e eu chego a ver uma barriga expandindo e recolhendo, embora o transe que me produz a cena lá fora impeça-me de virar o pescoço para descobrir quem é que, em mim, expira.

Na praça, as pernas com corpo de lençol branco vão correndo-dançando em círculo, como se formassem, todas, um só organismo imitador da água, numa evolução em que cada dois joelhos flexionam-se, um par de cada vez, porém não em ordem: de forma aleatória, como o caos. Os dedos, peitos e plantas, calcanhares e tornozelos e canelas são ainda os mesmos, de modo que meu mapa prossegue com validade e utilidade. Repentinamente, ouve-se um som longo e muito alto de lápis duro em papel áspero, e todos na cafeteria e no passeio tornam seus olhares para cima. Um reto risco cinza-escuro vai sendo

feito na região norte do céu azul, que começa a sangrar uma chuva luminosa, ao mesmo tempo em que as alvas criaturas vão brilhando e brilhando, cada vez mais, brilhando como se estivessem competindo em brilho com aquele sangue transparente que verte do risco, até que todas pegam fogo, incendeiam, começam a queimar, e aquela cujo aparato de locomoção mais agradara a mente das minhas mãos começa a voar, a elevar-se, modo completamente vertical, na direção do traço — e desaparece.

Nisso, a conversa ao meu ouvido direito faz-se nítida, Senhor, o seu capuccino com chantilly. Giro enfim o meu pescoço e vejo apenas um braço de garçõete, sendo que ela está atrás de mim, quase me envolvendo com um abraço. Ela devia estar ali há alguns minutos, desde quando passei a sentir que seu nariz expirava perto, nariz este cuja ponta, com esforço, consigo ver também. E só. Atendo-me ao pulso que me é oferecido quando vou tomar dela a caneca por sua asa. É um braço estrelado de sardinhas, indicando uma suficientemente dimensionada galáxia continuando pela pele descoberta que eu não vejo e ainda além, por debaixo dos tecidos do seu uniforme de trabalho. Obrigado, digo ao braço, e desculpe-me pela desatenção. Coloco os fones de ouvido, dou início no aparelho a uma sequência de músicas do *A Love Supreme* e, somente então, começo a me alimentar minuciosamente do meu capuccino. É indescritível o prazer proporcionado pelo suave creme com algum caldinho, no fundo da colher, do líquido doce que contagia o corpo. Enquanto isso, meu cérebro tricota, entre descidas demoradas das cortinas oculares que são as chamadas pálpebras, tentando decifrar o que acabou de se passar. Em vão.

novo aquele ar frio ao nordeste da minha nuca, expirando um bilhete. O nome dela é Ester.

Ester. Quem será Ester? Quem será “ela”? Será a que se foi, em meio às labaredas? Se sim, por que essa garçanete da cafeteria haveria de me informar seu nome, assim, do nada? Cansado de enigmas, vou caminhando pelos passeios já escurecidos pela noite que acabou por vir, a fim de fazer o sangue circular, produzindo calor interno energético. As mãos nos bolsos despertam uma excitação pronta, a cada passo, de modo que elas começam a mexer em mim mesmo como se fosse sem querer, cada vez que o meu fêmur empurra os bolsos ricos em falanges falanginhas falangetas contra a minha roupa de baixo, esta abrigando uma extremidade com energia acumulada que foi produzida pela imagem impressionante da talvez Ester, daquela possuidora de pernas cuja cor eu não encontrei no catálogo inconsciente dos meus vinte e nove anos de visão. O bolso esquerdo, depois o direito, e assim por diante, de forma alternada. Decido parar o autojogo, depois de umas 16 rodadas. Neste instante, passo por uma série de cartazes que me interessam. Neles, uma imagem fotográfica — de duas guitarras frente a frente, encostadas as cordas nas cordas — e quatro linhas — Duelo Sônico, 1 de maio, 20:00, Armazém A3.

Pensei “vou”. Mas antes me torno mais lúcido do que em qualquer outro momento anterior deste dia e volto até o café para perguntar à moça, afinal, quem era a tal Ester? Chego lá e peço por uma atendente pintadinha. Não está, já foi. Será que eles por acaso conhecem alguém de nome Ester? E então um olha para cima, outro coça a cabeça, e, depois de alguns sons que parecem princípios de mantras, todas as cabeças movimentam-se da esquerda para a direita e para

a esquerda, significando que o nome sobre o qual eu perguntava nada lhes significava, mesmo após uma busca interna mais ou menos interessada. Lembrei de perguntar se eles haviam presenciado hoje um evento bizarro na praça em frente, sendo que a resposta foi negativa, de modo que a minha sanidade passou a ser questionada por mim mesmo. Só mais uma coisinha, eu tenho um irmão gêmeo, idêntico a mim, e nós, desde crianças, usamos roupas também idênticas, então hoje ele está vestido exatamente assim como eu estou agora, vocês por acaso lembram de tê-lo visto por aqui hoje? Não, senhor. Deus...

Bem, pelo menos a garçõete existe. Posso eu não existir, mas ela parece que sim, que existe. A não ser que haja uma infeliz coincidência, Pele-Estrelada é colega dos trabalhadores da cafeteria, pois eles me relataram que ela estivera lá hoje, trabalhando (ninguém fez nenhuma ressalva quando pedi por uma pintadinha garçõete), e que agora já não está mais, o que provavelmente indica o final da sua carga horária do dia. Cheiro de amaciante? Saio pela porta do café e vejo uma lavanderia quatro lojas à direita. Caminho até lá e, antes de adentrar, detenho minha atenção nas janelinhas circulares das lavadoras automáticas que me mostram cascas de seres humanos em meio a tempestades horríveis, verdadeiros maremotos que estão lavando suas almas. A água vai derramando no lado de dentro do vidro assim como o nada derrama nas janelinhas circulares dos grandes pássaros caroneiros automáticos, os aviões, e parece que esse material transparente que isola o cá do lá é o próprio limite superficial do meu globo ocular. A água quer sair e o nada quer entrar. Mas, às vezes, o nada se transforma em muitas coisas, incluindo atmosfera e fumaças limpas imóveis, também chamadas de nuvens. Ouvi dizer que essas fumaças

são, na verdade, gotículas de água suspensas, de modo que, no fim das contas, o avião é uma máquina de lavar, só que do avesso.

Em cima de uma das lavadoras, há um menininho sentado com sua mãe de pé à frente, esperando a renovação das cascas, e ele tem um bonequinho na mão. Ajusto o foco, e o boneco é uma garotinha playmobil, de vestido branquinho. O que vou perguntar para esses? Dirijo-me até o balcão de atendimento da lavanderia, e, durante as passadas, percebo que nada tenho a lhes perguntar. Eu não iria abordar a mãe, Você não estava com seu filhinho numa piscina hoje, cedo da tarde? (Aliás, eu me lembro de ter ido ao clube e à cafeteria, mas não consigo lembrar como fui de um até o outro, e se fui a algum outro lugar naquele entremeio.) Ou, Olá, seu filhinho tem outras mulheres de brinquedo iguais a essa que ele tem na mão, seu marido construiu um barquinho de isopor, vocês presenciaram hoje à tarde um evento bizarro na praça aqui em frente? Bem, já é muito exagerada a minha suposição de que esses itens coincidentes sejam de fato os mesmos itens. Ou não? Até a piscina eu não vou, primeiro porque não é perto, e outra porque já é noite, e não haverá ninguém por lá para me dizer que nada de diferente aconteceu neste longo dia.

Saio dali, porque senão não dá tempo para presenciar o tal duelo. Pego um táxi e desço em frente a um restaurante japonês, daqueles com o sashimi mais fresquinho. Afinal, preciso me restaurar, só de uma xícara de café não vive um homem. Como é linda essa palavra restaurante, aquele que restaura. Muito mais bonito que restaurador. Amante, bastante, refrigerante, brilhante, elefante, eletrizante. Restaurante. Poucos se dão conta do sentido da palavra e da beleza da palavra e do seu sentido. Eu, por exemplo, dei-me conta este

ano, e as pessoas a quem contei manifestaram-se surpresas e aparentemente agradecidas. E restaurantes são tão sedutores e elegantes para o imaginário humano quanto os hotéis e os aeroportos. São lugares para onde se vai sentir-se bem, geralmente; geralmente na companhia de no mínimo uma pessoa confortável, da sua escolha, e nisso o restaurante sai em vantagem com relação aos hotéis e aeroportos, porque a eles se vai, muitas vezes, a solo, sendo que os aeroportos algumas vezes pressupõem despedidas, e estas não são lá muito agradáveis.

Entro no restaurante, escolho a mesa, escolho um prato combinado, e espero. No fim das contas, satisfaço-me (muito bem) e vou até o meu apartamento tomar um chuveiro quente. Outro táxi: no rádio toca Ramones. “I believe in miracles.” Imaginando que provavelmente eu não goste, primeiro ele abaixa o volume, depois troca de estação. É uma pena. Mas aproveito o silêncio e deixo tudo assim. Estamos passando pelo túnel. Adoro o túnel e suas luzes amarelas enfileiradas e seu som de câmara. Funciona como um lavajato para o que me move. Quando eu era pequeno, pedia para o meu pai buzinar lá dentro, o que é proibido, mas eu me encantava com o reverb. Pago, desembarco; subo. No banho, lembro mais uma vez a piscina e faço-me esquecer logo em seguida. Agora interessa-me a distração que talvez me proporcione o evento que está por chegar, o tal duelo. Nunca presenciei um duelo, muito menos um sônico, portanto estou deveras curioso. Uma vez marquei um duelo ao pôr-do-sol com um sujeito que se irritou desproporcionalmente comigo em um bifê, mas acho que, diante desse meu convite, ele, confuso, por fim, assossejou-se. Caminho em direção ao Armazém A3, então.

Achei que eu iria me atrasar um pouco, mas acabo chegando bem na hora que estava marcada. Entrando pelo portão do tamanho de um petroleiro, deparo-me com uma arena impressionante, com ares de templo. Um baixo palco circular de madeira pintada de preto — baixo de tal forma que os competidores apenas não pisem e não coloquem seus equipamentos diretamente no chão de concreto — é cercado de arquibancadas altas feitas com material idêntico ao do ringue central. Muitas pessoas trocam suores, espremidas porque querem, na expectativa do início do ritual. Com cinco minutos de “atraso”, apagam-se as luzes, e praticamente as vozes também, e se vêem dois vultos convergindo para o centro do círculo de combate. Primeiro, os dois checam os controles de seus aparelhos amplificadores, ligados a paredões duplos de alto-falantes, os quais mandarão o som produzido por eles tanto para dentro quanto para fora de onde estão – e, se duvidar, para fora da estratosfera onde estão. A seguir, pegam suas guitarras, checam também as afinações das suas armas. Um garotinho ao meu lado me cochicha que esta é a final dos Duelos Sônicos.

Dá-se um sinal, e os dois duelistas pressionam os botões que ligam seus monstros emissores de ondas sonoras, já de guitarras alçadas nos ombros, e eles começam com leves palhetadas. O suspense é intenso e parece excitar o público ao mesmo tempo inquieto e atento na arena. Eu estou confortavelmente ansioso. À medida em que os braços e as mãos dos dois concorrentes vão aumentando grau-a-grau a força dispendida nas palhetas, de forma sincronizada um e o outro, lâmpadas direcionadas para eles também vão grau-a-grau emitindo mais luz, para, pouco a pouco, revelarem imagens do duelo que não sejam somente aquelas da penumbra inicial. O volume que sai dos paredões, a essa altura,

já é tal que a hipnose toma conta do amplo ambiente, e já dá para identificar que uma das guitarras é do modelo Jaguar e que a outra é quase certo que seja uma Mustang. A música vai ficando mais e mais alta, e as luzes também. Quando parece que não há mais como manter-se vivo dentro daquele dilúvio de ressonância e retroalimentação, os duelistas encontram-se nariz com nariz e começam a esfregar uma guitarra na outra, freneticamente. O resultado produzido é como se fosse o canto de Deus, a trilha sonora da eternidade. Os espectadores passam a quase flutuar, de modo que seus corpos balançam em câmera lenta em todas as direções, quase como aqueles joões-bobos infláveis. Chego a me ver como um deles e a enxergar a platéia inteira como que feita de borracha e recheada de ar.

Sinto-me dentro de um Fórmula 1, com aquele cockpit de zunido. Meu carro voa baixo sobre florestas e lagos e sua sombra assusta um rebanho de gazelas. A maciez do vôo me dá a impressão também de que eu sou o espírito de um gato branco, dando piruetas graciosas para mostrar ao seu companheiro vivo que ele está bem e que continua o acompanhando, e que um dia os dois reencontrar-se-ão. Levanto as cortinas dos olhos, aquelas conhecidas como pálpebras, e vejo que muita gente também está vendo tudo de olhos cerrados. Esse é o mote. Volto a minha atenção um pouco para o duelo e não consigo imaginar de que forma será escolhido e quem poderá escolher um vencedor dali. Que critérios usariam eles? Como? Neste ponto do hecatombe sônico, não adiantaria eu tentar fazer essas perguntas ao garoto, porque, mesmo se ele estivesse atento a um chamado meu, não ouviria uma palavra produzida pelas minhas cordas vocais humildes naquelas circunstâncias. Não sou uma

mandrágora. Tampouco sou a Alanis em *Dogma*. Torno a me entregar à catarse, só que, desta vez, parece que eu sou uma corrente de água muito veloz, sem as certezas de um sólido. Meu caminho não se esgota e minha não-forma me faz deixar gotas de mim pelo caminho, mas continuo sendo eu. Toda água sou eu e somos todas as gotas, somos todos nós – a pulverizar solos, entregar vida a sementes e refrescar animais sedentos. Segue o baile.

Na vida real, um atrito específico entre as doze cordas de guitarra elétrica emite um som semelhante ao de um risco de lápis, e o reto risco cinza-escuro está, de fato, aqui em cima de nós e abaixo do telhado do Armazém. De novo ele. De novo ele. De novo. Dele começam a cair pequenas florezinhas brancas, aquelas mais simples e, mesmo por isso, mais bonitas, de campo. E elas não param de brotar do risco e de chover, algumas lambuzadas daquele mesmo sangue transparente, tornando-se uma verdadeira tempestade de órgãos reprodutores de angiospermas, tão densa que chega a quebrar algumas partes do chão e empurrar os bonecos até à borda do tablado, apesar de ela curiosamente não fazer nenhum ruído. O chão vai ficando todo branquinho das pétalas, e o cheiro dos polens toma conta do ar. Algumas pessoas demonstram-se alérgicas e começam a espirrar ou coçar as narinas, outras se coçam por inteiro. Os zumbidos das guitarras sugerem mais uma nova coisa: originarem-se de algum tipo de gigantesca colmeia de abelhas, e chego a apostar que a maioria dos presentes está pensando o mesmo que eu, exceto aqueles mais apavorados com a situação toda ou os que sofrem com as suas alergias.

Impelido pela avalanche, chego a ficar bem de perto com os competidores, que ainda proporcionam aquela cópula da Jaguar com a Mustang, numa cerimônia

de dar inveja aos coreográficos e pênaltas flamingos. De vez em quando, os dois vão um pouco para frente e, depois, um pouco para trás, lembrando um tango ou algum movimento de tai chi chuan; mas as duas feiticeiras não se desgrudam, apenas se esfregam deslizantemente, excitando harmônicos e fazendo do timbre do aço das cordas um pano de fundo textural que enriquece o conjunto de magia. Quer dizer, fico perto deles, porém eu estou olhando para baixo, tomando cuidado com os buracos camuflados com flores e tomando cuidado com os meus pés, e vejo os pés (descalços) de um dos competidores, aquele que estava mais à direita da minha visão na arquibancada. Reconheço e sinto um arrepio violentíssimo, fazendo minhas costas arquearem e meu pescoço contrair como se fosse implodir. Naufrago num preto infinito.

Continuo a correr com as outras meninas, sentindo nas plantas dos meus pés aquelas pedras quentes e por vezes molhadas da água com cloro, a cada passada. O cheirinho de amaciante está fabuloso, mas eu tenho que cuidar para fazer a volta direitinho em torno da piscina. Num momento em que o vento levanta um pouco mais o meu lençol branco, eu consigo enxergar não somente a borda da piscina, como também avisto um homem boiando na água que não me é estranho. Talvez eu o conheça do café. Nada.



**mojo**  
BOOKS

[www.mojobooks.com.br](http://www.mojobooks.com.br)